

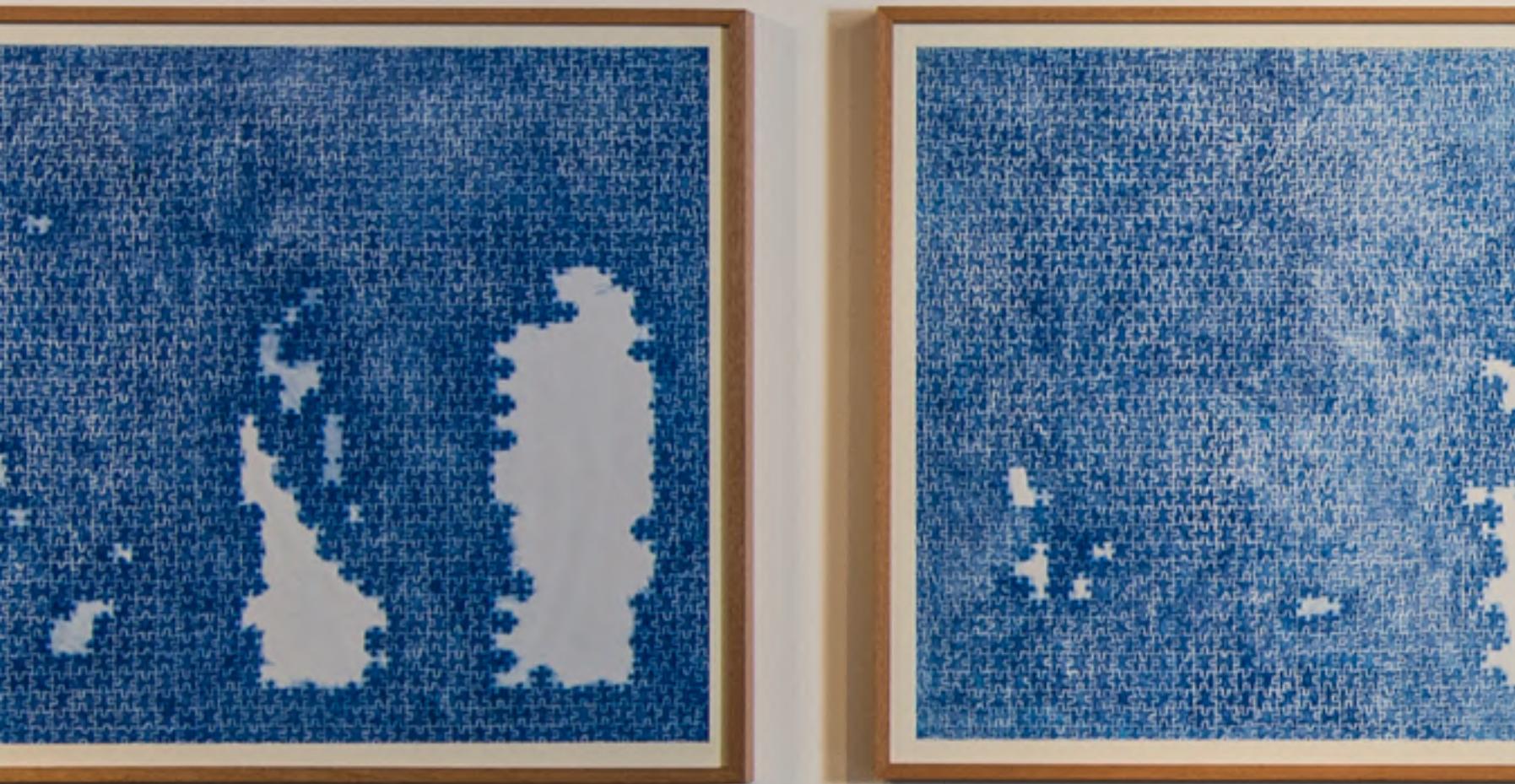
Ministério do Turismo e Banco de Desenvolvimento
de Minas Gerais apresentam

Clarice G Lacerda

Longo Prazo

30/06 – 27/07/2021





A exposição Longo Prazo, de Clarice G Lacerda, abre poeticamente o Ciclo de Mostras BDMG Cultural 2021.

Um ciclo que nasceu com a seleção pública de projetos em 2020 e se apresenta em 2021 ainda em meio ao tempo estendido, difícil e improvável da pandemia que nos toma desde o ano passado.

Clarice compõe o grupo de artistas que se apresenta este ano de forma presencial, com a Galeria podendo ou não ser visitada a partir das normas sanitárias vigentes, e sempre virtual, com a disponibilização de uma plataforma digital especialmente concebida para o ciclo. Além da artista que inaugura a série, teremos a dupla Affonso Uchôa e Desali, de Contagem; a dupla Lucimélia Romão e Jessica Lemos, de São João Del Rei; e Marc Davi, de Belo Horizonte.

O trabalho de Clarice traz imagens e objetos das fraturas e da decomposição do mundo que cotidianamente nos cerca. Sempre por meio de composições poéticas, a mostra nos leva a passear ao mesmo tempo pela delicadeza, pelos fins, pelos recomeços, pelas arestas, pelos cacos. E talvez não haja forma melhor de adentrarmos este ciclo e nos permitirmos refletir sobre os desafios e possibilidades desse mundo pandêmico e também do mundo pós-pandêmico que construiremos coletivamente.

O BDMG Cultural segue, neste momento, no compromisso de contribuir para a reflexão acerca do nosso tempo, de estabelecer diálogos de toda ordem com a nossa imaginação, com o devir e com a arte e a cultura.

Bem-vindes ao ciclo 2021!

BDMG Cultural



Pequeníssimo conto – ou fragmentos de um mundo que não precisa se restituir

Como começar senão com a imprecisão da origem?

Talvez tudo tenha começado no dia em que ela desenhava em um caderno e, de repente, deu com a tinta que transbordava para a página seguinte. Nesse momento, sentiu que o desenho encontrado era mais verdadeiro do que o pretendido. Seria esse o evento inaugural? Ou foi o copo que caiu na cozinha, riscando num caco a impressão do instante?

Conhecendo ou não a origem, fica acometida disso que ela não sabe se é enfermidade ou crença. A cidade se desenha para ela como um emaranhado de mundos. Mundo-este, mundo-outro. Algo tão simples quanto estar caminhando pela rua e encontrar um pequeno vislumbre: parede, casca, ferrugem, meio-fio. Um arame retorcido, um caco de vidro, os olhos de outra mulher. Letras indecifráveis de uma incompleta mensagem. De onde vêm estes recados do mundo?

A cidade brinca em seu vestido, revoa ventos, encanta o corpo. O mundo é o seu caderno de sombras, um quebra-cabeça inventado e misterioso, a revelação do imensamente simples, do residual, sagrado para o qual ela se curva movendo as mãos em direção ao solo. *Eu tenho fé naquilo que eu não sei.* Um copo se parte, o fogo toca o tecido, a árvore respira.

Ela dança então nas linhas dos mapas, das páginas, em cidades nuas. Corta a pele da paisagem, e inventa uma clareira na escuridão. Risca o branco com tinta negra e perfura o fundo da terra, onde germina o alimento vivo e a decomposição. Nela, tudo se move. Todo gesto gesta uma oferenda. Ela vê o que a paisagem não mostra, e cata o mundo inteiro numa lasca encontrada no chão.

O tempo não é coisa só de cair, despedaçar, destruir.

Ele dança na água.

E, com o tempo, evapora.

Carolina Junqueira dos Santos

Daniel Ribeiro Duarte

outono de 2021





rim-pulmão
2018

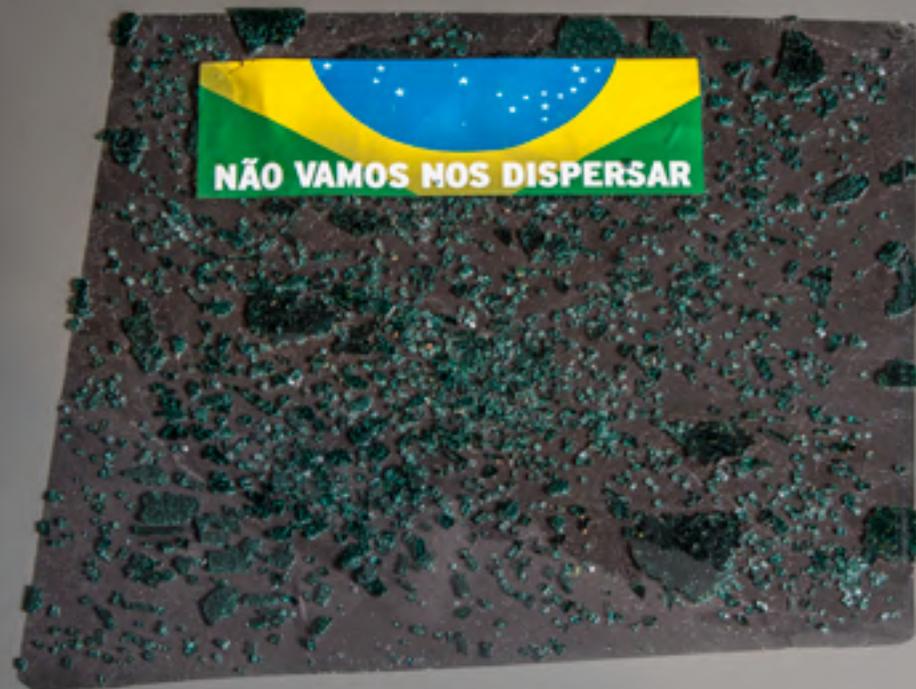
Códica #1, #2, #3 e #4
2016 – 2021

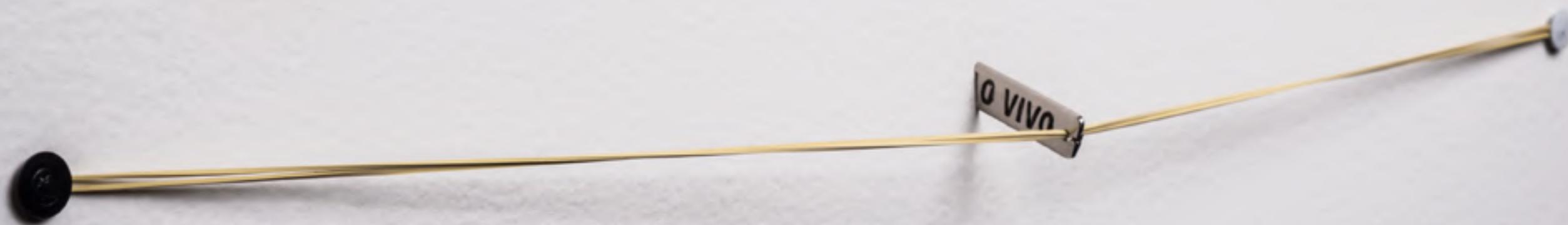
Xangô
2016

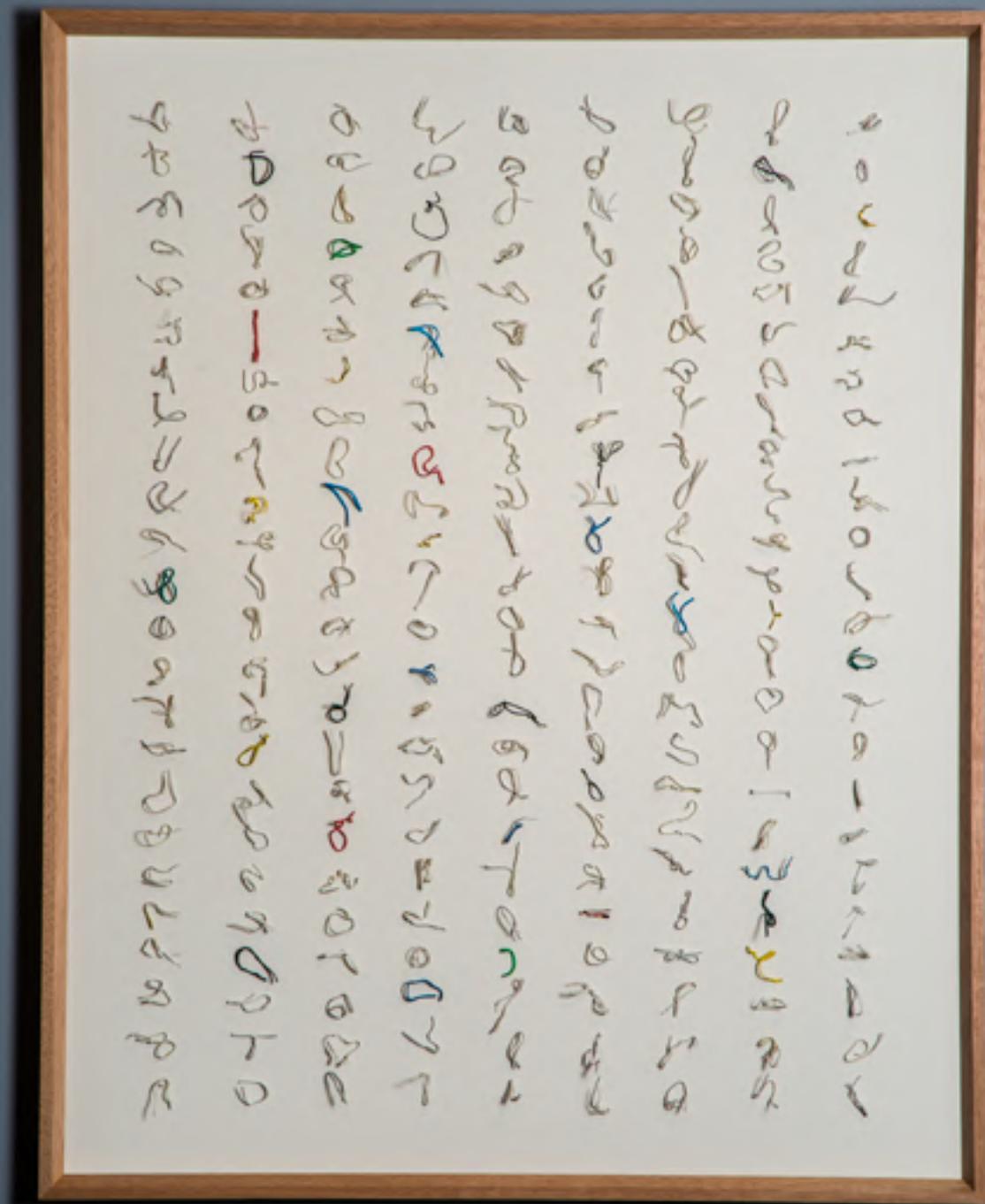


Unidos
2018

Iuzia
2018







Mani oca #1 e #2
2016 – em processo

Perfilar
2017 – em processo



Presentazione delle
opere di arte contemporanea
con un focus su...

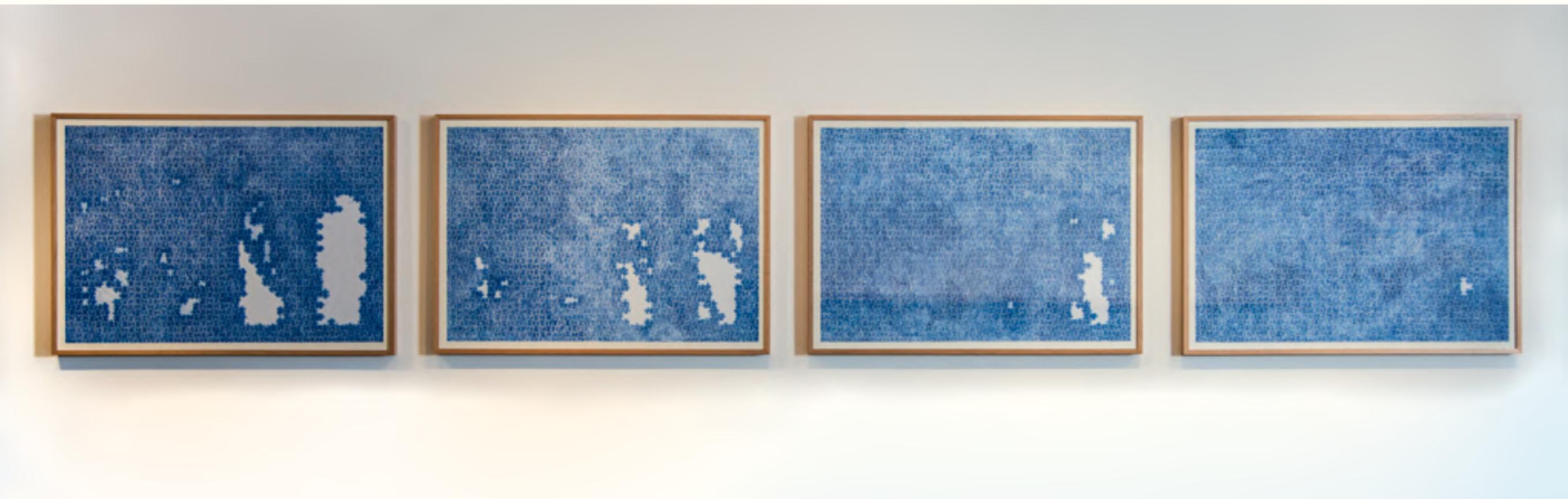
Il presente è un momento di grande
incertezza e di grandi sfide. L'arte
contemporanea ha il compito di
interrogare la realtà, di mettere in
discussione i valori e le norme che
regolano la società. In questo senso,
l'arte è un atto di resistenza e di
impegno civile. Le opere qui
presentate esplorano i temi della
globalizzazione, della crisi
ambientale e della ricerca di nuove
forme di coesistenza.

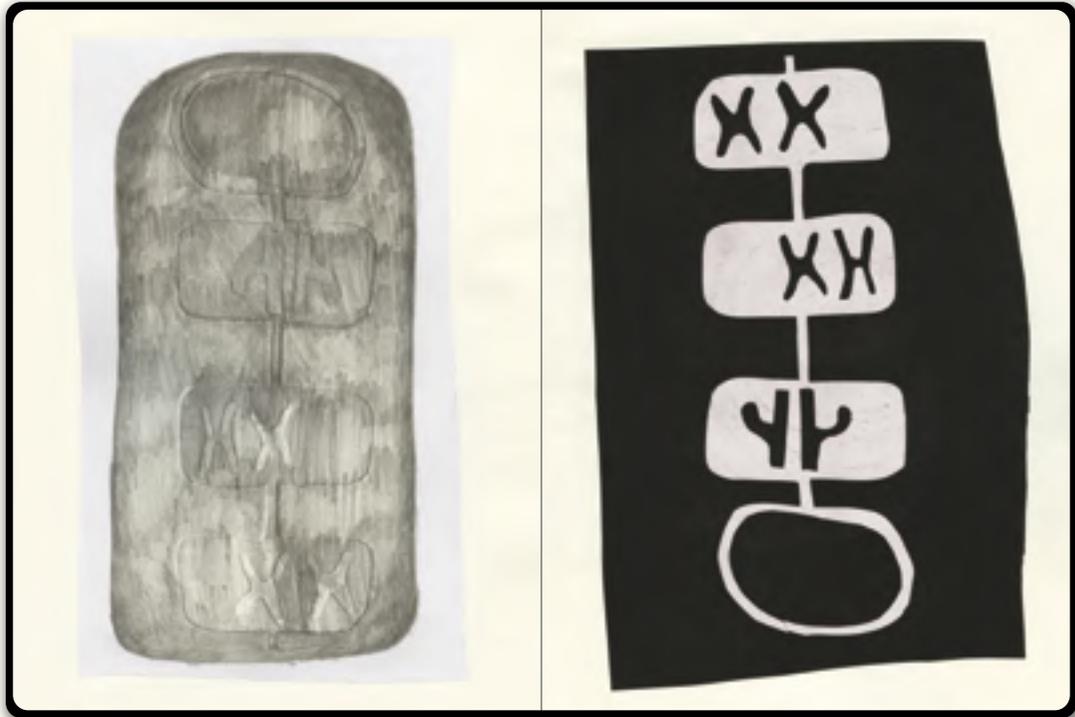
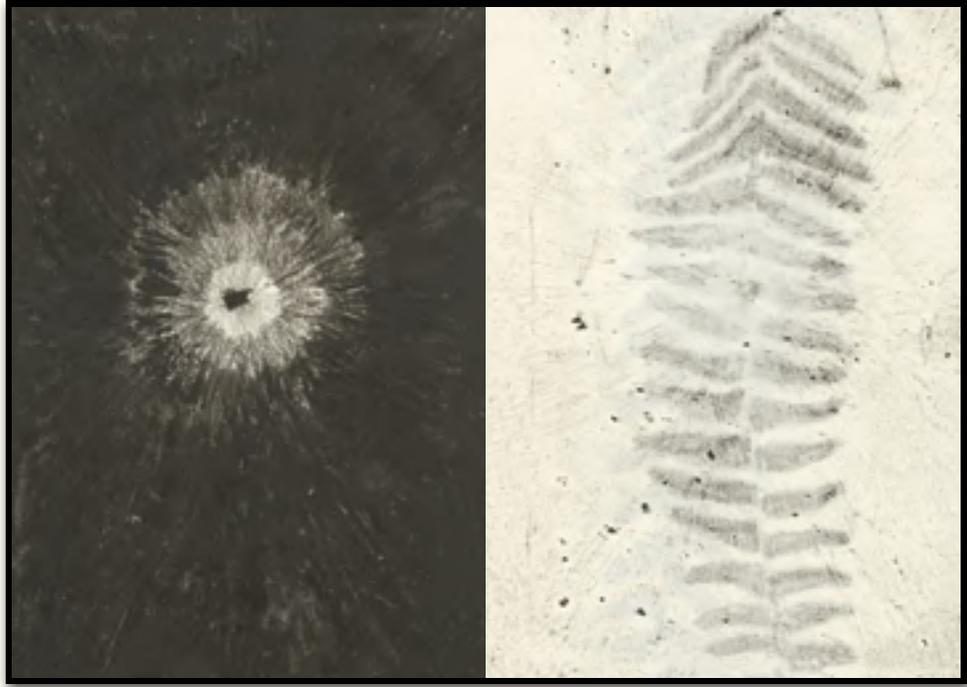




Pendentes #1 e #2
2016 - 2018

As horas do dia
2020





cadernos, livros #1 e #2
2015 - 2021

Buraco negro
2016



A vida silenciosa das coisas é uma extensão secreta da nossa

Vem.

Conversemos através da alma.

Jalal Al ud-Din Rumi – Poeta persa

Como em uma inversão da famosa frase de Rimbaud “*par délicatesse j’ai perdu ma vie*”, ao invés de perdermos a vida “por delicadeza”, encontramos pousada no vazio que jamais é ausência. O trabalho de Clarice G Lacerda é um diálogo com a vida íntima e secreta das coisas, falo em delicadeza, mas poderíamos falar também em uma forma de tocar as coisas como uma escuta da matéria tão inclusiva que o conceito de natureza se expande para dentro do olhar como uma voz no ouvido. Clarice toma o partido das coisas em sua língua de silêncio, ou melhor, em suas vestes de silêncio que, ao contrário das nossas, se tornam instâncias de revelação inaudita. A série *instantes-já*, além de evocar as iluminações cotidianas e a sede de presentidade da novela *ÁGUA-VIVA*, de sua xará Clarice Lispector, reconfigura de um modo sutil o simbolismo do copo quebrado, que no judaísmo representa a quebra das tábuas da lei por Moisés, gesto mítico que, segundo Emanuel Lévinas e Martin Buber, simboliza a fé na autonomia humana e no livre-arbítrio e não tem conotações negativas como muitos teólogos apregoam. Os copos retirados de seu contexto utilitário podem ser sentidos como efígies que representam a permanência de algo fraturado, trincado como elemento fortemente animado pela vida áurica, pela aura da vida, dialogando diretamente com a vida mineral que está escondida nos objetos. Na série *As horas do dia*, para além da exposição do vazio como

um signo essencial do tempo, há o azul oceânico como um intrigante signo topológico. O tempo é um lugar, como em Novalis: “Tempo é espaço interior. Espaço é tempo exterior.”

Nos *cadernos, livros* também podemos sentir uma espacialidade gestual, quase coreográfica: tudo remete a uma paisagem interior ou exterior. Uso a palavra “trabalho”, quando o melhor termo seria “poemacto”, como em Joan Brossa, mas em outra chave menos paródica, um poemacto como *rim-pulmão* parece reconstituir um diálogo entre humano e natureza num espaço de imanência. A imanência do rastro humano presente em alguns poemactos de Clarice. Há também a busca por uma certa música do acaso ou da aleatoriedade, quase “como uma mística” como na composição do poemacto *O VIVO* e em outros.

As composições de Clarice G Lacerda, nesta exposição que é também um ato de resistência e coragem, são formas de persistência de uma beleza que evoca o conceito de 無為 – *wúwéi* da filosofia chinesa, que pode ser traduzido como um “agir sem agir” sobre as coisas, como modo de suavidade, como uma ação do não-eu sobre o ser das coisas. Elogio da espontaneidade de um gesto estético que sabe que a vida das coisas é uma extensão secreta da nossa.

Marcelo Ariel

Poeta e ensaísta, autor de *SUBIR PELO INFERNO, DESCER PELO CÉU* (Kotter, 2021), *NASCER É UM INCÊNDIO AO CONTRÁRIO* (Kotter, 2020) entre outros.

instantes-já

2016 – em processo



Longo Prazo

2015 – 2021

Esta exposição foi um exercício de montagem, provisório como tudo o que vive. Mostrar é uma chance de partilhar, em diferentes camadas, as alegrias e os desassossegos inerentes ao gesto criativo. Para isso, estar junto é de valor inestimável, pois nada existe só.

Pela abertura constante ao diálogo, agradeço a Rodrigo Borges, que conduziu de forma rigorosa e igualmente afetuosa a interlocução artística e curatorial pertinente à exposição. Obrigada por me indicar que havia chegado a hora de me apresentar no singular, e garantir que nesse processo eu estivesse tão bem acompanhada.

A expografia, vertiginosa espacialização das obras, foi conduzida pelas habilidosas mãos de Ivie C. Zapellini. Agradeço a ela pela troca pautada no acolhimento, sensibilidade materializada no assertivo trabalho com as três dimensões. Flávio Durval e John Brito foram parceiros valiosos na execução dos suportes – que em boa parte também são obras – aos dois o meu muito obrigada pela disponibilidade veloz e resolutiva.

Para que a palavra pudesse estar ao lado das obras, de modo que texto e imagem caminhassem juntos e em pé de igualdade, agradeço a Carolina Junqueira dos Santos e Daniel Ribeiro Duarte. A escrita a quatro mãos e a amorosa abertura ao encontro puderam afirmar e multiplicar as potências simultâneas da voz e da escuta.

Sara Lana foi a responsável pela finalização do vídeo que integra a exposição, sou constantemente grata a ela pelo apoio em afirmar o desejo como via em construção.

Agradeço a consideração e o esmero contínuos de Rodrigo Caixeta, que esteve disponível e atento em diferentes momentos da exposição, fosse como meu assistente, interlocutor ou amigo.

As molduras foram feitas pelo Ateliê Baumecker, as impressões *fine art* pela Artmosphere e as encadernações pela Frente e Verso – parceiros com quem pude trabalhar e aprender bastante – agradeço a Hugo Baumecker, Luiz Rodrigo Cerqueira e Lais Freire por essa oportunidade.

Obrigada ainda a toda a equipe do BDMG Cultural, a comissão de seleção do Ciclo de Mostras de 2021 e a todos os profissionais envolvidos pela valiosa chance de apresentação e difusão de meu trabalho.

Como nessa vida eu não ando só, registro aqui minha gratidão aos fraternos amores que felizmente tenho ao meu lado e que contribuíram, cada um ao seu modo, para que essa exposição pudesse nascer: Baleia, Bruno Rios, Carolina Fenati, Clarice Panadés, Cinthia Marcelle, Diego Lacerda, Julia Baumfeld, Letícia Araújo, Luísa Rabello, Marina RB, Nina Aragón, Pablo Lobato, Paula Huven e Ricardo Burgarelli.

Clarice G Lacerda

Relógios de Netuno

2016 – em processo

Relógio: um copo completamente cheio de água é tampado por um outro copo idêntico, cheio de ar, em meados de 2016. Lentamente a água evapora e deixa apenas a névoa do tempo sobre a superfície de vidro. Ao escrever o projeto de Longo Prazo um novo relógio é criado no final de 2020.

4 Copos americanos, água, ar, prateleira de ferro e papéis.

Espadas

2017 – 2021

Corte sobre papel.

Oxumaré

2017

da série *encontrados*.

Enlaçamento de dois arames enferrujados pela exposição às intempéries, encontrado em via pública.

Xangô

2016

Pano de prato usado em altar de oferendas com queimadura accidental.

Unidos

2018

da série *encontrados*.

Insulfilm de vidro de automóvel quebrado com adesivo, objeto encontrado em via pública.

luzia

2018

da série *encontrados*.

Vídeo 2'11: Pintura de autor desconhecido encontrada fixada de modo pendente em poste em via pública.

Códica #1, #2, #3 e #4

2016 – 2021

Fotografia, impressão com pigmento mineral.

s/t

2017

da série *encontrados*.

Espumas encontradas em via pública, pregos.

rim-pulmão

2018

da série *encontrados*.

Galhadas de árvores secas agrupadas com arame, encontradas em via pública; compressa cirúrgica desgastada pelo uso. Inversão do sentido vertical a cada mudança de fase do ciclo lunar – cheia, minguante, nova e crescente.

O VIVO

2018

da série *encontrados*.

Placa metálica quebrada com inscrição encontrada em via pública, elástico e percevejos pintados.

Mani oca #1 e #2

2016 – em processo

Tiras de cascas de mandiocas secas, em contínuo processo de decomposição.

Perfilar

2017 – em processo

Conjunto de arames encapados com plástico usados, moldura e ímãs de neodímio.

Pendentes #1

2016 – 2018

Montagem de prateleira com elásticos de látex, arames revestidos com plásticos e alfinetes.

Pendentes #2

2016 – 2018

Montagem de prateleira com elásticos de látex, objetos encontrados em vias públicas, tira de casca de abacate, osso de galinha, linha de costura, canudo de plástico e alfinetes.

instantes-já

2016 – em processo

Copos de vidros quebrados em uso – 14 objetos até o momento; duas prateleiras de madeira.

As horas do dia

2020

Série de 4 frotagens com lápis dermatográfico sobre papel flopost. Imagens frotadas ao longo da montagem do quebra cabeça de 2.000 peças produzido com a reprodução da obra "As horas do dia" (1889), série de litografias de Alfons Mucha.

cadernos, livros #1 e #2

2015 – 2021

Livros de artista editados a partir da digitalização de cadernos de artista.

Buraco negro

2016

Tríptico de colagens de vinil adesivo sobre papel mata borrão.

Para visitar a exposição virtual, acesse: mostrasbmgcultural.org/clariceglacerda



Clarice G Lacerda

Iniciou os estudos em Artes Visuais em 1999, quando frequentou o ateliê de Mônica Sartori. Concluiu o Bacharelado em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG em 2012, onde atuou como professora substituta na habilitação em Artes Gráficas em 2019. É artista pesquisadora do escotoma – grupo de estudos das imagens-passagens (EBA/UFMG), que fundou e coordena em parceria com o Prof. Rodrigo Borges desde 2018. Participou de propostas artísticas diversas como o perfura – ateliê de performance (Galeria GTO do Sesc Palladium, 2017), LAPI – Laboratório Aberto em Palavra e Imagem (Galeria do BDMG Cultural, 2017), Ateliê Midiológico (Teatro Espanca!, 2015) e Kaza Vazia (Belo Horizonte e Ouro Preto, 2006 – 2008); além de mostras e exposições coletivas como a Mostra Residências Artísticas – Atelier Aberto (Centro Cultural UFMG, 2019), SUSPENSA/SUSPENSOS (Galeria da COPASA, 2009), MIP2 – Segunda Manifestação Internacional de Performance (Espaço 104, 2009) e Projeto Território (Museu Mineiro, 2007). Sua trajetória contempla ainda diversos projetos em artes gráficas e editoriais desenvolvidos em parceria com artistas como Cinthia Marcelle, Mabe Bethônico, Marcelino Peixoto e Luis Arnaldo, Pablo Lobato, Paula Huven, Camila Otto e André Hauck, Janaina Rodrigues e Hortência Abreu.

BDMG Cultural

Presidente
Gabriela Moulin

Diretora financeira
Clarissa Perna

**Coordenador
Artes Visuais**
Érico Grossi

**Coordenadora
Acervo**
Larissa D'Arc

Projeto gráfico
Rafael Amato

Comunicação
Paulo Proença

Fotografia
Miguel Aun

Diagramação catálogo
Clarice G Lacerda
Rafael Amato

Comissão seleção ciclo de mostras 2021

Janaína Melo
Juliana Gontijo
Leonora Weissmann

ciclo de mostras bdmg cultural 2021

Clarice G Lacerda

Lucimélia Romão e Jessica Lemos

Marc Davi

Afonso Uchoa e Desali

Acesse a exposição online

mostrasbdmgcultural.org/clariceglacerda

Galeria de Arte BDMG Cultural

Rua Bernardo Guimarães

1600 Lourdes



Lei de Incentivo à
CULTURA

PATROCÍNIO E PRODUÇÃO:

BDMG,
CULTURAL



PARCERIA:



**CIRCUITO
LIBERDADE**



iepha
MINAS GERAIS



CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE
ESTADO
EFICIENTE.

REALIZAÇÃO:

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL